

Reflexões sobre a recepção da medicina na obra de Plínio o velho

Ana Thereza Basílio Vieira*

RESUMO: Os romanos, desde suas origens, possuíam subsídios de uma medicina doméstica. A medicina, no entanto, se desenvolvera há muito como ciência na Grécia – segundo Canali (2001), podemos estabelecer o “nascimento da ciência” no século VI a.C. – e, quando esta chegou a Roma, se deparou com certa resistência para ali se estabelecer. Pretendemos mostrar como se deu a recepção da medicina desde sua chegada a Roma por volta do século III a.C. até os tempos de Plínio e como esta se aliou a antigos tratamentos domésticos, utilizando para tanto a *História natural*, de Plínio, que é a fonte mais completa para os estudos da história da medicina entre os romanos. Além disso, as obras de Doody (2011), Miglionni (1997) e Van der Eijk (1999) aprofundam a relação de Plínio com a medicina.

Palavras-chave: *História Natural*; medicina; recepção; ciência.

Reflections on the reception of medicine in the work of Pliny the Elder

ABSTRACT: Since their origins, Romans had subsidies of a domestic medicine. Medicine, however, had for years evolved into science in Greece – according to Canali (2001), we can establish the “birth of science” in the 6th century B.C. –, and, when it came to Rome, it encountered some resistance to establish itself there. We intend to show how the reception of medicine occurred since its arrival at Rome, around the 3rd century B.C., until Pliny’s time and how it linked itself with ancient domestic treatments, by using Pliny’s *Natural History*, which is the most complete source for the studies of Romans’ history of medicine. In addition, the works of Doody (2011), Miglioni (1997), and Van der Eijk (1999) deepen Pliny’s relationship with medicine.

Keywords: *Natural History*; medicine; reception; science.

A história da medicina em Roma pode ser determinada por alguns estágios bem definidos, levando-se em conta a relação da história política com a evolução da ciência médica. Primeiramente, evidencia-se um caráter protocientífico, em que a cura das doenças é associada à observação e à utilização de plantas e de animais, produzindo uma medicina caseira, aplicada pelo *paterfamilias*. Por volta do século III a.C., os médicos, sobretudo de origem grega, que chegam a Roma são bem aceitos pela população em geral, mas, ao mesmo tempo, provocam certo conflito entre os *patresfamilias*, que vislumbram

* Possui Mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), Doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e Pós-doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2016). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

os médicos estrangeiros como pessoas que prolongam o sofrimento dos doentes¹. Finalmente, por volta dos séculos II-I a.C., uma leva de médicos, mais atualizados e conhecedores das características dos doentes, não apenas das doenças, torna a medicina mais popular entre os romanos.

Vislumbra-se, sobretudo a partir do principado de Augusto, uma evolução – se assim se pode chamar – das ciências médicas associadas a fatores diversos, tais como o controle público da medicina como profissão; o ensino da arte médica como ciência em lugares adequados, fazendo uso de cobaias, principalmente símios; a instituição de médicos oficiais nas colônias romanas; a instauração de uma sanidade militar, com tratamentos mais especializados; a formação de médicos específicos para os gladiadores; a implantação da fisioterapia e a promoção da hidroterapia, com banhos quentes e frios alternados ou a utilização de águas com propriedades diferenciadas na cura de doenças, construindo-se balneários para esses fins. Houve, assim, a promoção dos médicos a partir do apreço social, que já considerava a medicina como uma verdadeira arte.

Plínio o velho discorre sobre a medicina ao longo de toda a *História natural*, mas há um aprofundamento maior sobre o assunto nos livros XXVII a XXXII, nos quais o autor se aplica à questão da farmacopeia vegetal e animal como auxiliares na cura de doenças humanas e de animais. Todavia, são realizadas remissões constantes a outros livros, que deram uma pequena mostra sobre o tema aqui e acolá, misturado à antropologia, à botânica ou à zoologia, por exemplo. Plínio não é o primeiro a tratar da medicina em Roma, mas ele investiga o tema descrevendo a história médica desde seus primórdios literários, associando a medicina à magia e à astrologia, como divisamos no livro XXX, por exemplo. No livro I, Plínio faz um índice de toda a sua obra, contendo uma lista de autoridades romanas e estrangeiras, que abordaram os temas anteriormente a ele.

A verdade é que Plínio faz um jogo com suas fontes literárias, suas autoridades: se diz que leu determinado autor, é muito provável que tenha lido uma fonte indireta, uma citação desse mesmo autor em outra obra² (lembramos que no prefácio à *História natural*, o autor se vangloria de ter consultado mais de duas mil obras); por outro lado, o autor pode citar uma fonte que não tenha colocado no livro I. E, ainda mais, segundo Dauzat (2002, p. XIV), Plínio acreditava que ao fazer adaptações dos originais, não os estaria traduzindo. O autor, então, diverte seu leitor, fazendo alusões aparentemente enganosas ou truncadas, imprimindo maior leveza a assuntos tão difíceis e apurados.

Plínio apresenta sua opinião quando discute sobre terapias e usos medicinais de certos elementos, como o sangue ou os ossos humanos, a que se demonstra contrário. Ainda que nomeie autores anteriores, sua visão sobre a medicina é determinantemente marcada por um olhar crítico a respeito do assunto; a curiosidade aludida por Plínio em seu prefácio se torna mais aguçada, revelando ora experiências próprias, ora as leituras exaustivas acerca do tema³.

A introdução do culto de Asclépio em Roma, por volta do século III a.C., e a crescente influência da cultura grega – veja-se, por exemplo, os primórdios da literatura

¹ Cf. PAYNE, 1910, p. 715.

² Cf. DOODY, 2011, p. 113-115.

³ *XX rerum dignarum cura – quoniam, ut ait Domitius Piso, thesauros oportet esse, non libros – lectione voluminum circiter II, quorum pauca admodum studiosi attingunt propter secretum materiae, ex exquisitis auctoribus centum inclusimus XXXVI voluminibus, adiectis rebus plurimis, quas aut ignoraverant priores aut postea invenerat vita* (PL. H.N. Praef. 17).

latina remanescente que dão conta de obras eminentemente carregadas de traços gregos, inclusive no nome de personagens e no teor das narrativas – propiciam o aparecimento de profissionais os mais diversos. Os primeiros médicos a atuar em Roma advinham da Grécia ou da Ásia Menor, e Arcágato, em 219 a.C., é nomeado como um dos precursores destes profissionais, tendo ele recebido direitos de cidadania romana e várias despesas pagas às custas do Estado. Porém, segundo o próprio Plínio, seus erros constantes renderam-lhe a fama de executor e, por conseguinte, tal fama foi herdada pelos médicos que vieram em seguida.

A incompetência e os erros médicos ganham tanto destaque quanto os acertos e as curas por eles propaladas. Evidencia-se, inicialmente, em Roma, certo menosprezo não pela arte médica, mas pelos charlatões que apareceram alardeando curas maravilhosas para as mais variadas doenças, que, muitas vezes, terminaram na morte do paciente⁴. A diferença entre a designação de um erro ou de um infortúnio do acaso poderia se dar na relação médico-paciente: se este último fosse um escravo ou um liberto, não haveria muitos problemas na maioria dos casos, posto que o escravo poderia ter um valor igual ou menor do que um pote de cerâmica e, assim, o médico estaria protegido por lei, porque não causaria prejuízo excessivo. Porém, se o infeliz médico tivesse atentado contra a vida de um cidadão romano, poderia ser sentenciado à pena de morte⁵.

A punição aos erros médicos era de difícil decisão, haja vista que muitos dos médicos sequer cobravam por seus serviços, nem mesmo através de trocas de favores ou isenção de impostos ou taxas. O dinheiro era recebido em forma de presentes, portanto, um eventual deslize não era passível de castigo. Segundo Nutton (1986, p. 35), a supervisão aos médicos em Roma era muito menos intensa do que em qualquer outra parte do mundo:

Em Roma, aquela fervilhante metrópole, as limitações sociais normais que regiam a conduta e o comportamento médico no dia a dia de uma sociedade de pequenas cidades provinciais sofriam menor pressão e a supervisão de médicos era muito mais remota do que nas minúsculas democracias da Ásia Menor.⁶

O mais seguro para um médico era tratar apenas daquilo com que pudesse lidar, não se aventurando em curas improváveis nem no trato com doentes terminais, para o bem de sua reputação profissional. A atuação era realizada considerando o percentual possível de cura ou de melhora do doente, e a recusa de atuação do médico não era malvista pelas leis.

As origens romanas de uma medicina baseada na utilização de ervas, manuseadas pelo *paterfamilias*, que administrava não só os bens como a saúde de todos os seus supervisionados, familiares ou escravos, são deixadas de lado com o passar dos tempos⁷. As ervas provenientes do campo estavam mais distantes, deixando as pequenas *villae* e passando a ser plantadas em grandes propriedades, longe de cidades como Roma. A

⁴ Cf. PAYNE, 1910, p. 717-718.

⁵ Cf. NUTTON, 1986, p. 34.

⁶ *In Rome, that teeming metropolis, the normal social constraints that governed a doctor's conduct and behavior in the face-to-face society of small provincial towns were less pressing and the supervision of physicians was far more remote than in the miniature democracies of Asia minor.* (Todas as traduções dos textos em línguas estrangeiras modernas são de nossa autoria).

⁷ Cf. SOUSA, p. 81-104.

distância e o preço se elevavam a cada dia; por sua vez, o campo não dava conta de sustentar uma população crescente, que se esquecia das práticas antigas em detrimento das novidades vindas do exterior. Apenas os cidadãos mais ricos conseguiam administrar a importação desses produtos e sustentar uma medicina familiar.

Os mais pobres, com a saúde precária por causa das próprias condições de vida, só podiam recorrer aos cuidados mais próximos, sujeitando-se a todo tipo de tratamento:

... as miríades de pessoas nas *insulae* romanas, que careciam das condições básicas de saúde, sem ao menos um herbário, tinham de contar com os serviços e a experiência de outros, na capacidade de diagnóstico dos médicos e nas habilidades empresariais dos vendedores de remédios...⁸ (NUTTON, 1986, p. 39)

Por sua vez, os estrangeiros, graças ao avanço do poderio romano, traziam para Roma novas drogas, ervas e especiarias, que receitavam aos doentes: as novidades chegavam conforme a expansão do Império. Já os remédios de origem caseira, romana, eram cada vez mais negligenciados e esquecidos com o passar dos anos. Muitas vezes, estes eram feitos a partir da mistura de uma quantia tão grande de elementos – plantas, partes de animais, sucos, excrementos, etc. –, que não surtiam nenhum efeito medicinal. Ao contrário, poderiam piorar a doença ou provocar outras ainda piores e até letais.

O aumento da população é outro fator que acarretava um aumento de doenças, muitas delas novas na *Vrbs*. Como em qualquer lugar, a aglomeração de pessoas gerava mais problemas de saneamento, limpeza, urbanização e, conseqüentemente, mais males à saúde da população. Van der Eijk (1999, p. 5) atesta:

Cientistas antigos receberam ou, em verdade, construíram *versões* particulares da história de seus próprios assuntos, que eram produto de um processo seletivo de transmissão, interpretação, ‘reciclagem’ e atualização, algumas vezes, longo e possivelmente distorcido e inevitável.⁹

A vida no campo, entretanto, também tinha seus infortúnios: nem todos sabiam ou conseguiam recorrer às ervas e aos animais para os tratamentos das doenças, pois já não contavam com a sabedoria dos antigos, preferindo fazer uso da magia e de encantamentos. Os amuletos eram veementemente criticados por Plínio quando estranhos às práticas usuais romanas, mas considerados aliados eficazes, se moderadamente usados por todos, cidadãos e camponeses, amarrados às mais diversas partes do corpo, conforme a doença a ser tratada¹⁰. Seria melhor recorrer ao uso desses amuletos do que a práticas indiscriminadas propostas por alguns tipos de médicos, segundo o autor.

Assim que se avança na leitura dos livros sobre medicina da *História Natural*, pode-se observar que Plínio descreve algum tratamento e, de repente, passa a falar sobre alguma parte do corpo utilizada para a cura da doença, levando o leitor a considerar que

⁸ ... the myriads in the Roman *insulae*, who lacked the basic conditions for health, let alone a flowerbed, they had to rely on the services and experience of others, on the diagnostic skills of the physicians and the entrepreneurial abilities of the drug sellers...

⁹ Ancient scientists received, or indeed constructed, particular versions of the history of their own subject, which were the product of a sometimes long, possibly distorting and inevitably selective process of transmission, interpretation, “re-cycling” and updating.

¹⁰ Cf. PL. *H.N.* XXX, 7, 20; XXX, 7, 21, etc.

ele fez uma digressão ou cometeu um erro em sua descrição. Aude Doody (2011, p. 114) revela que era necessário ao leitor da obra pliniana fazer uma exata correspondência entre o nome e o objeto mencionado. Os nomes são usados por Plínio conforme sua expectativa sobre o tipo de leitor, isto é, se especialista ou leigo. Portanto, o texto leva em conta duas formas de recepção da obra. Mas, para os leitores modernos, não há uma divisão nítida de que parte da obra se refere a que tipo de leitor antigo o autor se dirigia. Os nomes são importantes como artifícios estruturantes do texto e Plínio escolhe listar ou até mesmo excluir nomes por motivos literários, políticos ou de ordem prática. Assim é que as referências são cruzadas, propiciando uma hierarquia textual da obra entre o autor e os tipos de leitores¹¹.

Após o estabelecimento da profissão de médico em Roma, foram criadas escolas, dando seguimento a uma tradição científica, advinda do exterior e com ligações estreitas com algumas escolas. Assim, Asclepiades de Bitínia foi o idealizador de uma doutrina atomística, fundamentada no que de mais próximo conhecemos como uma dieta complementar:

Ele limitava ao máximo o emprego de fármacos e sustentava a necessidade de uma ação preventiva e terapêutica predominantemente baseada na dieta e em um regime de vida no qual que tinham papel fundamental os exercícios físicos, as massagens e a hidroterapia.¹² (MIGLIONNI, 1997, p. 15).

Asclepiades ficara conhecido por propagar uma medicina preventiva e terapêutica, e não o tratamento após a doença se instaurar no corpo humano. Suas teorias serviram, ainda, de base para a fundamentação da Escola Metódica, desenvolvida por Temisão de Laodiceia, Sorano e Célio Sorano¹³.

A composição de uma obra que pudesse auxiliar as gerações futuras faz igualmente parte da escrita médica. Segundo Van der Eijk (1999, p. 4), era comum a criação de livros biográficos sobre médicos e suas doutrinas sobre tratamentos na antiguidade, assim como o ensino escolar desse tipo de literatura, de forma séria e rígida, a ponto de os discípulos serem questionados acerca dessas matérias como verdadeira forma de iniciação educacional. Esse tipo de escrita se correlacionava com a escrita da história e com a escrita da história da medicina, mais especificamente.

A composição de livros de história da medicina, entretanto, não tinha por obrigação a necessidade da precisão de termos usados pelos profissionais em suas atuações; bastava captar a essência do que era anunciado, utilizando-se o autor da chamada licença poética em sua narração para se referir a pessoas ou à série de acontecimentos¹⁴. Posto isto, há que se levar em consideração que muitos relatos estão

¹¹ Cf. DOODY, 2011, p. 114.

¹² *Egli limitava al massimo l'impiego dei farmaci e sosteneva la necessità di un'azione preventiva e terapeutica prevalentemente basata sulla dietetica e su un regime di vita in cui avevano un ruolo preminente gli esercizi fisici, i massaggi e l'idroterapia.*

¹³ Cf. PAYNE, 1910, p. 718-719.

¹⁴ Dentre os gêneros que poderiam englobar relatos sobre medicina, constam, por exemplo, as Vidas, Doutrinas, Histórias. Van der Eijk (1999, p. 6) se refere à não obrigatoriedade de tais relatos com a veracidade dos termos ou palavras (*ipsissima verba*), desde que tivessem captado a “essência” do que havia sido dito anteriormente. Além disso, “*a similar poetic licence existed with regard to the characterization*

entremeados de exageros, distorções, seleções, ampliações, interpretações tendenciosas e manipulações que pouco ou nada têm a ver com a verdade histórica dos fatos.

Os livros médicos da *História natural*

Como dissemos, o tema da medicina se concentra na *História natural* nos livros XXVII a XXXII. Vejamos, então, o tema específico de cada um deles: o livro XXVII trata da farmacopeia vegetal, em que Plínio indica as propriedades terapêuticas de cada planta, muitas delas citadas por seus nomes gregos e comparadas com outras espécies. Já o livro XXVIII delinea a utilização de animais para o tratamento de doenças, observando ainda o uso concomitante de algumas plantas para gerar maior eficácia aos tratamentos. Aqui se pode ver uma divisão em dois grupos das espécies animais:

Após a indicação dos remédios provenientes de seres humanos e de animais exóticos, vêm *as medicinae communes ex animalibus feris aut eiusdem generis placidis*, ‘os remédios comuns oriundos de animais selvagens ou domésticos de mesma espécie’, classificados por substâncias.¹⁵ (GAILLARD-SEUX, 1998, p. 626)

Os livros XXIX e XXX constituem um conjunto, sendo por vezes classificados como um único livro. Os relatos se iniciam com a história da medicina, aliada à magia e à astrologia. A seguir, os animais são reagrupados segundo os tipos de remédios que podem fornecer, podendo ser tanto selvagens – em seu *habitat* natural – quanto aprisionados e domesticados, diferentemente das feras. O livro XXXI relata a utilização de animais domésticos, enquanto o livro XXXII passa a tratar de animais aquáticos e das fontes de uso terapêutico.

Não obstante muito se tenha falado acerca da obra pliniana – sobretudo com relação ao seu estilo ser mais simples, sem grandes ornamentos e muitas vezes sem conexões lógicas, principalmente por causa da retomada de assuntos ao longo da obra –, Dauzat (2002, p. XII) nos assevera que “estilisticamente, as junções são trabalhadas, as digressões aparentes sabiamente calculadas, e as retomadas de uma absoluta coerência. O tom é agradável, tanto erudito e técnico quanto divertido e até irônico...”¹⁶.

of personalities and the arrangement of events (the latter of which affected the question of presentation of items in a chronological order)”.

¹⁵ *Après l’indication des remèdes provenant des êtres humains et des animaux exotiques, viennent les medicinae communes ex animalibus feris aut eiusdem generis placidis, “les remèdes communs tirés des animaux sauvages ou domestiques de même espèce”, classés par substance.*

¹⁶ *Stylistiquement, les raccords sont travaillés, les digressions apparentes savamment calculées, et les reprises d’une absolue cohérence. Le ton est à l’avenant tantôt docte et technique, tantôt amusé, voire ironique... Pouco antes, Dauzat (p. XI) declarara: « ... l’insatiable appétit de lecture de Pline l’Ancien et son goût des fiches (il se déplaçait en litière pour ne pas perdre une minute de lecture) ont fait trop facilement conclure à un bric-à-brac, à une simple juxtaposition de propos souvent décousus et souffrant de surcroît de la précipitation avec laquelle le savant aurait jeté ses connaissances fraîchement acquises sur ses tablettes» (... o insaciável apetite de Plínio o velho por leitura e seu gosto pelo fichamento (ele se deslocava em liteira para não perder um só minuto de leitura) levaram facilmente a concluir um bricabraque, uma simples justaposição de motivos frequentemente soltos e que levam a aumentar a precipitação com a qual o sábio teria jogado seus conhecimentos, recentemente adquiridos, sobre os livrinhos).*

Segundo Plínio, a medicina nos tempos de Nero deveria ser considerada como algo terrível, posto que alguns médicos se deixassem dominar pelos propósitos tiranos do imperador, formando um grupo de pessoas inescrupulosas, que não visam mais ao lucro do que à sanidade dos pacientes¹⁷ (a essa época Plínio se retira da vida política e se recolhe à sua residência para ler e escrever, voltando às atividades político-militares somente no tempo de Vespasiano). Exceções há que podem ser contadas nos dedos, tais como Cecílio Peto ou Mulo Rústico. Quando Plínio se propõe a escrever sobre a medicina, ele traça um panorama dessa arte, já discorrendo sobre os tratamentos mais recentes de terapia. No entanto, chama a atenção a sua possível falta de interlocução com Celso, o escritor de medicina por excelência em Roma. Segundo Spallici (1936, p. 37-38), não foi por Plínio desconhecer-lo, porque este o cita algumas poucas vezes em seus livros, mas por discordar de suas ideias, como no livro XX, por exemplo.

Plínio escolhe voltar às origens hipocráticas, dando mais valor às informações obtidas através da experiência, ou à terapia familiar de M. Pórcio Catão¹⁸. Spallici (1936, p. 41-42) assegura que:

Plínio desejou seguir o exemplo de Catão, que fizera um compêndio sobre terapia, para uso e consumo próprio e dos seus familiares, e a ele recorria em caso de necessidade. Assim, introduziu seis ou sete livros em sua volumosa história natural falando da virtude das plantas, das árvores, dos peixes, dos metais e dos remédios, que deles se extrai e do uso que deles se faz.¹⁹

Na exposição da história da medicina romana, inicia o autor o livro XXIX discorrendo de forma generalizada: “... a medicina confiou seus inventores aos deuses e os consagrou aos céus, e hoje em dia se pede uma (medicina) variada dos oráculos?²⁰”. Segue a narrativa sobre Esculápio, que teria ressuscitado Tíndaro, marido de Leda, associando a arte médica a um ultraje, por ter interferido na vida de alguém e, portanto, nos desígnios celestes; em seguida, lembra o autor da guerra de Troia, quando a história já se tornou mais segura, não sujeita a interpolações mitológicas, mas associada ao tratamento específico de feridas; a história passa por um momento nebuloso até ressurgir com a guerra do Peloponeso, quando Hipócrates teria retomado a arte da medicina. Havia um costume de se inscrever no templo de Esculápio, na ilha de Cós, os tratamentos que curavam os doentes, a fim de que outras pessoas pudessem fazer proveito deles. Hipócrates teria, após um incêndio ocorrido no templo, proibido esse costume e instituído a chamada medicina clínica, que se tornaria fonte de alguns aproveitadores:

¹⁷ Cf. PL. *H.N.* XXIX, 4, 9-11.

¹⁸ Cf. PAYNE, 1910, p. 715: “*The Pre-Hellenic Roman medicine is known chiefly from Cato and Pliny, from fragments of other writers, from Laws and Inscriptions, and many allusions in Latin authors*” (A medicina romana pré-helenística é especialmente conhecida por meio de Catão e Plínio, de fragmentos de outros escritores, pelas Leis e Inscrições, e de variadas alusões em autores latinos).

¹⁹ *Plinio ha voluto seguire l'esempio di Catone che s'era fatto un compendio di terapia, ad uso suo e dei suoi, e a quello ricorreva in caso di bisogno. Ha così introdotto sei o sette libri nella sua voluminosa storia naturale, a parlare della virtù dell'erbe, degli alberi, dei pesci, dei metalli e delle medicine che se ne cavano e dell'uso che se ne fanno.*

²⁰ *Dis primum inuventores suos adsignavit et caelo dicavit, nec non et hodie multifarium ab oraculis medicina petitur* (PL. *H.N.* XXIX, 1, 2-3). (Todas as traduções do latim são de nossa autoria).

E não houve depois medida para o lucro, posto que Pródico, nascido em Selimbra, um dos discípulos (de Hipócrates), estabeleceu o que chamam de iatralíptica e estabeleceu um imposto até para os unguentos dos médicos e para os escravos de última classe.²¹

O relato segue fazendo menção àqueles que alteraram os princípios ancestrais da arte curativa, ao instituírem gratificações cada vez mais elevadas para suas curas: Crísipo e seu discípulo Erasítrato, Acrão de Agrigento, Empédocles e tantos outros. Depois começaram as discórdias das chamadas escolas médicas, condenadas por Herófilo, que distinguia os batimentos do pulso seguindo as harmonias musicais. No entanto, visto que para esse trabalho fosse necessária uma instrução musical mais específica por parte dos médicos, ele foi logo abandonado. Temisão de Laodiceia, discípulo de Asclepiades, inventou um sistema próprio, posteriormente revogado por Antônio Musa, nos tempos de Augusto: “... mas veio Antônio Musa, com a aprovação do divino Augusto, a quem subtraíra de um grave perigo com um tratamento contrário àquele de Temisão²²”.

Após o anúncio de tantos outros médicos, Plínio chega à época de Nero, sob a jurisdição do médico Tessalo, que recusou todas as doutrinas anteriores, designando a si próprio como o “melhor dos médicos”. Crinas de Marselha seguiu sua prática, sendo, no entanto, mais prudente, instituindo uma dieta alimentar e o horário mais apropriado para comer, conforme o movimento dos astros. Cármides de Marselha chegou para mais uma vez repudiar os médicos anteriores e incentivar a prática de banhos com água fria, mesmo durante o inverno. Este fato causou verdadeiro horror entre diversos romanos, inclusive Sêneca, o qual não viu como tais choques térmicos poderiam se tornar benéficos e não prejudicar ainda mais a saúde do paciente. Ainda ao tratar dessa época, Plínio cita um famoso epitáfio, que bem exemplifica o estado de ânimo dos romanos com relação aos médicos: “Ele morreu pelo grande número de médicos²³”.

Ao findar a sucessão de maus profissionais, no capítulo 6, Plínio inicia o relato dos casos de profissionais médicos que mereceram ser citados, como Arcágato, filho de Lisânias. Pórcio Catão é classificado como o nome romano de maior prestígio por ter feito uso de tratamentos caseiros, utilizando ervas, sem se deixar levar pelas novidades de seu tempo e, por conseguinte, pela luxúria e pela avidez de curas improváveis. Nem Catão nem Plínio considerariam a medicina prejudicial; são os homens que fazem um uso errôneo dessa arte, se deixando corromper e levando à corrupção até as almas mais inocentes. O erro, portanto, é humano, não científico. É Catão quem fala a seu filho sobre os médicos gregos: “E quando esse povo apresentar sua literatura, ele corromperá tudo; então será pior ainda se enviar seus médicos. Juraram entre si matar todos os bárbaros com o uso da medicina, mas fazem isto mesmo por dinheiro, a fim de ter crédito e matar mais facilmente²⁴”.

²¹ *Nec fuit postea quaestus modus, quoniam Prodicus, Selymbriae natus, e discipulis eius instituit quam uocant iatralipticen et unctoribus quoque medicorum ac mediastinis uectigal inuenit* (PL. H.N. XXIX, 2, 4). Segundo Ernout (In: PLINE L'ANCIEN, 2002, p. 72), Plínio se enganou nesta passagem, referindo-se a Pródico quando deveria dizer Heódico, mestre de Hipócrates.

²² ... *sed et illa Antonius Musa eiusdem auctoritate diui Augusti, quem contraria medicina graui periculo exemerat* (PL. H.N. XXIX, 5, 6).

²³ *Turba se medicorum perisse* (PL. H.N. XXIX, 4, 11).

²⁴ *Quandoque ista gens suas litteras dabit, omnia conrumpet, tum etiam magis, si medicos suos hoc mittet. Iurarunt inter se barbaros necare omnes medicina, sed hoc ipsum mercede faciunt, ut fides is sit et facile disperdant* (PL. H.N. XXIX, 7, 14).

Catão teria, segundo Plínio, anunciado os erros considerados como práticas aparentemente mais inocentes e pouco importantes, mas que poderiam causar danos muito sérios às pessoas que as praticavam: lutas; unguentos feitos com cera e óleo para higiene; banhos quentes sob o pretexto de propiciar uma boa digestão; bebidas tomadas em jejum, seguidas de vômitos provocados para novamente poderem beber; depilações feitas à maneira das mulheres; tudo não é mais que uma corrupção dos antigos costumes, indicados como modernizações dos tratamentos. Plínio dá voz a Catão quando este aconselha seu filho a jamais procurar os médicos que têm o poder de vida e morte, segundo suas vontades. Ele vivera até os 85 anos, sendo, portanto, considerado uma voz sábia entre os antigos.

Após uma longa narração sobre as ideias catonianas e seus impropérios contra os gananciosos, o livro passa a tratar dos animais e de suas propriedades. A forma com que Plínio faz essa passagem é sutil, servindo-se o autor de exemplos de Virgílio e Homero, que utilizaram os animais em suas obras não de forma rude: a natureza fez todos os animais, dentre os quais consta o homem. Assim, inicia-se o relato sobre as primeiras propriedades animais: a lã e os ovos, dos quais não trataremos neste estudo.

A *História natural*, especificamente os livros sobre medicina, se constituem como uma das principais fontes da antiguidade acerca da medicina e da magia de caráter médico, ou da medicina mágica, para alguns estudiosos. Plínio não vê como não associar a medicina à magia, uma vez que foram assim entendidas em seus primórdios: “E isto é muito miraculoso: uma e outra arte floresceu do mesmo modo, digo, a medicina e a magia, na mesma época, aquela ilustrada por Hipócrates e esta por Demócrito, na época da guerra do Peloponeso na Grécia, que se realizou no ano 300 de nossa Cidade²⁵”. Seguirá o livro XXX com relatos acerca das propriedades mágicas dos animais, alguns considerados exóticos, e de sua utilização em amuletos ou tratamentos.

Os livros XXXI e XXXII igualmente seguem com narrativas acerca das impressões romanas, diga-se plinianas, com relação aos diversos tipos de tratamentos a que os doentes poderiam ser submetidos. Não obstante se possa julgar Plínio como um condenador voraz dos costumes gregos, introduzidos em regiões itálicas, sua posição reflete um pensamento muito peculiar: pensar Roma como um império que estendeu seus domínios tão amplamente e que, por isso, recebeu as mais diversas influências nas artes, ciências, filosofia, etc. O romano deveria, então, refletir muito bem sobre o que seria mais prudente aceitar e o que deveria ser desprezado como mero modismo ou luxo.

Plínio se constitui em uma das principais fontes a respeito da descrição e da história da medicina romana entre o período republicano e o período imperial. A opinião e a interpretação do autor acerca de outros autores e de seus preceitos são fundamentais para o entendimento da antiga concepção de medicina romana. Muitas vezes Plínio se posiciona como uma espécie de mediador entre as opiniões mais antigas e os costumes romanos de seu tempo, com relação aos médicos, à instituição da medicina em Roma e às terapias e aos preceitos utilizados para tratamentos.

Referências

²⁵ *Plenumque miraculi et hoc, pariter utrasque artes effloruisse, medicinam dico magicenque, eadem aetate illam Hippocrate, hanc Democrito inlustrantibus, circa Peloponnensiacum Graeciae bellum, quod gestum est a trecentesimo Urbis nostrae anno* (PL. H.N. XXX, 2, 10-11).

CANALI, L. *Vita di Plinio ovvero l'arte della meraviglia*. Milano: Ponte alle Grazie, 2001.

DAUZAT, Pierre-Emmanuel. Introduction. In: PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle XXXIII*. Nature des métaux. Texte établi et traduit par Hubert Zehnacker. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

DOODY, Aude. The science and aesthetics of names in the *Natural History*. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (Ed.). *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden; Boston: Brill, 2011, p. 113-129.

GAILLARD-SEUX, Patricia. À propos des livres XXVIII-XXIX-XXX de l'*Histoire Naturelle* de Pline l'Anecien. *Latomus*, 57 (3), p. 625-633, 1998.

MIGLIONNI, Paola. *Scienza e terminologia medica nella letteratura latina di età neroniana: Seneca, Lucano, Persio, Petronio*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; New York; Paris; Wein: Lang, 1997.

NUTTON, V. The perils of patriotism: Pliny and Roman medicine. In: FRENCH, Roger; GRENAWAY, Frank (Eds.). *Science in the early Roman Empire*. London & Sydney: Croom Helm, 1986, p. 30-58.

PAYNE, J. F. *Roman natural history and science, and Roman medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1910.

PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle XXIX*. Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

_____. *Histoire naturelle XXX*. Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout. Introduction et notes par Sabina Crippa. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

SOUSA, Maria A. S. M. A arte médica em Roma antiga nos *De Medicina* de Celso. *Ágora*. Estudos Clássicos em Debate 7, p. 81-104, 2005.

SPALLICI, Aldo. *I medici e la medicina in Plinio, il naturalista*. Milano: a cura della S. A. Giovanni Scalcerle, 1936.

VAN DER EIJK, Philip. Historical awareness, historiography and doxography in Greek and Roman medicine. In: VAN DER EIJK, P. (Ed.). *Ancient histories of medicine. Essays in medical doxography and historiography in Classical Antiquity*. Vol. 20. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999. p. 1-31.

Data de envio: 23-10-2018

Data de aprovação: 10-08-2019

Data de publicação: 05-10-2019